

## UM DEDINHO DE PROSA

### Experiência de narrativa urbana como método de pesquisa na cidade contemporânea

UM DEDINHO DE PROSA  
Experience of urban narrative as a research method in the contemporary city

Shirley Terra Lara dos Santos<sup>1</sup>

#### Resumo

O objetivo dessa escrita em prosa é te contar como se deu o método de pesquisa de mestrado, na cidade de Pelotas/RS, durante os *marços* de 2018 e 2020. Assim como uma pessoa que se aproxima da gente enquanto esperamos o ônibus na parada, para uma conversa sem pretensão alguma a não ser a de passar o tempo, esse artigo em prosa escrita demonstra em corpo textual um exercício de escrita acadêmica narrativa. Prosearemos também em primeira pessoa, conhecendo sobre como as narrativas urbanas foram utilizadas como um procedimento de pesquisa para o experienciar em cartografia feminista o *estar* em ônibus. Dessa vez a prosa não vai ter o arroz de pêssego, mas na próxima quem sabe a gente descobre juntas a receita que a senhora que sentou aqui do meu lado, a pouco antes de ti, me contou que desejava. Mal sabe ela que até agora ainda tenho esse desejo, e possivelmente, tu também agora estás. Essa escrita é sobre isso, desejo de comunicar a pesquisa acadêmica de um outro modo, para quem sabe, alguém a ler durante *um ir e vir*, dentro do *bus*.

Palavras-chave: narrativa urbana, método cartográfico, cartografia feminista, mobilidade urbana, produção de subjetividade.

#### Abstract

The purpose of this prose writing is to tell you how the master's research method took place, in the city of Pelotas/RS, during March 2018 and 2020. Just like a person who approaches us while we wait for the bus at the stop, for a conversation with no intention other than to pass the time, this written prose article demonstrates in textual body an exercise in academic narrative writing. We will also proceed in the first person, learning about how urban narratives were used as a research procedure to experience being on a bus in feminist cartography. This time the prose won't have peach rice, but next time maybe we'll discover together the recipe that the lady who sat next to me, just before you, told me she wanted. Little does she know that until now I still have that desire, and possibly, you are now too. This writing is about that, the desire to communicate academic research in another way, for who knows, someone to read while coming and going, inside the bus.

Keywords: urban narrative, cartographic method, feminist cartography, urban mobility, production of subjectivity.

<sup>1</sup> Escritora. professora universitária. psicanalista em formação. podcaster. cartógrafa. arquitetaurbanista. ar-risca-se na pesquisa "em nó" da escrita poética, dos processos criativos, da psicanálise e da educação libertária hookiana - enquanto lugares de experiênci(ação) entre subjetividades e materialidade estética. exercita aproximações entre as áreas de: urbanismo feminista, cartografia urbana e filosofia da diferença, narrativas e produção de subjetividade, caminhografia urbana e teoria decolonial.



Figura 1 - Montagem utilizada como capa da apresentação de slides da defesa da dissertação. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020. Figura 2 - Collage (in)pulso. Fonte: da autora, 2019, p. 16.

#### Orelhas em papel | sobre o contexto deste artigo em prosa

A prosa – o texto<sup>2</sup>, aqui em letras é composta principalmente por um corpo narrativo que foi mapeado durante o processo de uma pesquisa de mestrado. Sim! Uma, artigo indefinido. Porque entre tantas, nós já somos algumas e várias – àquelas que mapeam com as palavras – desenvolvem um ethos cartográfico narrativo. Tal pesquisa se fez junto a essas, ocupou um lugar de resistência científica e desde então, compõe a revoada da “insubordinação epistêmica” no campo da arquitetura e urbanismo. Nos nomeio aqui como muitas (no feminino) pois digo sobre nós que pensamentos o projeto com o corpo da língua – da palavra, da letra, da escrita, da narrativa.

Esse pensamento de pesquisa poderia tratar de qualquer elemento-lugar-espço e edifício do nosso *arquitetês* projetual. Mas nesse recorte de rememoração, citação, transmissão, tratará da cidade, do ambiente urbano. Esse artigo *contador de histórias*<sup>3</sup>, é portanto, nada mais (nem menos) do que *um dedinho de prosa* sobre o método cartográfico experienciado durante o mapeamento do *estar em ônibus* na cidade de Pelotas/RS realizado entre os *marços* de 2018 e 2020 (figura 1). Quando o campo (o local de pesquisa) em movimento despertou na autora-pesquisadora que aqui lhes fala o seu (ainda entre cadernos e gavetas) modo escritora, fazendo da sua práxis científica além de uma contribuição à epistemologia feminista acadêmica – uma importante revelação do seu corpo narrativo em poesia. Quando, nesses dois anos, os *dados de pesquisa* corporificados foram transfigurados em ato poético, a cidade logo se fez em narrativa. Uma narrativa urbana experimental. O corpo que faz pesquisa (e projeto urbano) na escala 1:1. Eis portanto, parte do quando fui – e nesse momento rememoro e lhe conto – uma cartógrafa urbana que ainda ladra<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> “Texto é tempo textualizado” (SOUZA, 2018, p.70).

<sup>3</sup> Para a educadora feminista bell hooks a contação de (o compartilhar) histórias é um dos ensinamentos fundamentais para a composição de uma comunidade de aprendizagem autêntica em sala de aula: “Em todas as salas de aula, mesmo no caso das ciências mais duras, professores usam histórias, em geral na forma de anedotas, para ilustrar assuntos e elucidar informações que possam parecer abstratas” (HOOKS, 2020, p. 97).

<sup>4</sup> Para mais a respeito de uma cartografia que “ladra e morde” ver a escrita na contracapa da versão final do corpo dissertação que está disponível na biblioteca digital do PROGRAU/UFPel através do link: [http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/5782/1/Shirley\\_Terra\\_Lara\\_dos\\_Santos\\_Dissertacao.pdf](http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/5782/1/Shirley_Terra_Lara_dos_Santos_Dissertacao.pdf)

## Prefácio | o (in)pulso de pesquisa em narrativa

O método cartográfico em si, quase sempre necessita de uma *adjetivação* como recomenda o pesquisador-professor Eduardo Rocha ao dizer sobre a relevância em nomear o método em palavra composta, vide os diversos e múltiplos campos do conhecimento que desenvolvem-produzem-agenciam cartografia. Para dizer sobre a pesquisa cartográfica a qual essa prosa se refere, além da adjetivação feminista<sup>5</sup> foi lhe caracterizada enquanto uma pesquisa empírica, a respeito da experiência urbana corporificada, com isso acontece a subtítulo: experiência cartográfica feminista.

Contudo, além da adjetivação um outro ponto adotado pela pesquisa foi o de elaborar uma espécie de *prefácio* a esta escrita nomeou-se como *o (in)pulso*. Para dizer não sobre as já usuais *intenções* de pesquisa, mas sobre que força-movimento-devir fez emergir o problema- a vontade de pesquisa. Como e quem pesquisa. Atenção, pois não se trata de um memorial descritivo que retoma (e explica) a trajetória acadêmica da cartógrafa/o/e, e sim, dos genuínos impulsos do devir de pesquisa – aquilo que nos revira as entranhas, fica como passarinhos sobrevoando a cabeça do personagem nos desenhos animados. E *o (in)pulso*, aquilo que me coloca em movimento científico do como – que sai do pulso do corpo, de dentro pra fora. O que de mim emerge enquanto um como de pesquisa. Outras pesquisadoras-cartógrafas fazem uso do mesmo recurso da escrita subjetiva *em prefácio* antecedendo o texto de introdução do corpo da dissertação/tese. Para a pesquisa aqui citada, optou-se em nomear esse momento de transmissão textual da pesquisa como *o (in)pulso*<sup>6</sup>:

Para aqui dizer sobre o que se fez escrita, início esfregando as mãos – uma na outra - entre grafite e papel, conectadas em olhos e ouvidos, assim vou esquentando o corpo. Invento as palavras, invocando minha coragem. Inspirando-me entre tantas, neste momento, especialmente em Clarice . Apoiada em braços, como os das mulheres que passam, pergunto-as: que lugar é esse? Sob cenário de casa, ouvidos em um lugar que não é céu, percebo que a mulher solta o braço, corre, pega o ar e sobe no ônibus. Ela ri da resposta que ia me dar. Deixa a paisagem que nos é vizinha e segue como num respiro profundo. E antes, me pergunta: que lugar é esse? - É cedo. - É fogo. - É céu. É palavra escrita, narrada, sentida, reverberada. Transfigurada. Experienciada. Encontrada. Convido-te a estar comigo, com essas mulheres, com nosotras, tantas, muchas... nesse processo de mapa escrito, cidade narrada, numa errância urbana. Um estar de corpo-atenção. Para cartografar preciso estar disposta a este estado de corpo atento, pleno em ônibus. Corpo-flutuante. Mãos, olhos e sensações em consciência plena, para que os atravessamentos flechem meus olhos, conectem minha mente e percorram meu corpo até a ponta dos dedos. Como um estalo, ativem a memória de um corpo-mulher. Mestiço. Indígena paraguayo. Latino-americano. Mãos pequenas, intensas, que amassam pão e voam no corredor do ônibus. Um corpo que ginga guiado pelo ritmo do motorista. “ - Júlio, segura a vó!” Um corpo criança que se encanta em ônibus, num dia claro, neutro sob luz da capital gaúcha. O piso metálico, as janelas largas, a sensação de flutuar como o vento sob os seus pés crianceiros.

5 A respeito da autopromoção da pesquisa enquanto uma epistemologia feminista, ver a dissertação original, subcapítulo “Tá, mas porquê feminista e não, feminina ou mulher?” (SANTOS, 2020, p.36).

6 Tal texto, conforme a autora, foi escrito entre citações e paráfrases da literatura brasileira: “misturam-se no corpo da pesquisadora, palavras de Clarice Lispector (2017) em “A hora da estrela” que estão aqui presentes em número e espírito” (SANTOS, 2020, p.17).

Ventania guia. Na próxima parada, um corpo-arquiteta faz sinal para o mesmo ônibus. Embarcado numa terra antiga, num lugar feito quase todo contra ela. Uma feminista nata. Num corpo errante, uma potente poesia subversiva e que não se adapta. Uma intelectualidade-aprendiz que caminha passo-a-passo e que às vezes sorri para os outros na rua. Eis o impulso. Um pulso de dentro. Forte. Corrente. Que transpassa a pele e candeia o partido alto da pesquisadora. Como ser uma arquiteta-urbanista feminista? O lugar-corpo transgressor à intelectualidade academicista, que resiste e transborda à dureza da escrita. A escrita que desafoga, mas pela fluidez, faíscas e lascas espelham a realidade que constantemente ultrapassa os corpos com o mesmo pulso. Lugares, saberes, atenção. Realidade que gruda na mesma pele mesclada. E impulsiona. Me faz avançar. Um impulso que move meus pés, os coloca sob o primeiro degrau do Guabirola. Comprimento o motorista, sorriu para o cobrador ao passar pela catraca e escolho onde sentar quase numa dança intuitiva. Ainda bem que agora escrevo, sempre escrevi, mas agora mostro. Pois de algum modo, já haviam alguns desses fragmentos, antes, escritos em mim. Eis o corpo afim de investigar uma cidade que lhe atravessa. Agora, quero dizer-te algo que importa. Alerto-te que a ação dessa narrativa terá constantemente lascas de um corpo transfigurado enfim em objeto escrito. Múltiplos corpos, fragmentos compostos num objeto só. Este. Em processo constante. Que apesar de ser um, são muitos. Ele terá limite, será finito, pelo tempo do relógio e o tamanho do papel. Mas nunca será findo em potência e devir – uma promessa. Enquanto ainda houverem perguntas sem respostas, continuarei a escrever. Como quem exercita um esgotamento projetual infinito, mas nem sempre particular (SANTOS, 2020, p. 17-19).

O texto narrativo introduz a leitura da dissertação e logo ilustra a intensidade das escritas que virão. É importante dizer que os processos de subjetivação que seriam cartografados durante o mapeamento sobre o *estar em ônibus*, já estavam em genuíno processo corelacional ao devir cartográfico da autora e anterior ao início da pesquisa de mestrado. Conjuntamente à colagem (figura 2) pode-se observar que para compor tão intensa experiência cartográfica, as narrativas estão embebidas em produção de subjetividade, tanto de quem escreve<sup>7</sup> (pesquisa), como de quem observa (mapeia) e de quem habita o estar em ônibus (passageiras-os-es). A produção de subjetividade já nas primeiras páginas do corpo defendido em letra já se mostra como uma importante matéria, que se observa em constante presença durante o pensamento da pesquisa – de modo rizomático e sempre em movimento. Movimento do ônibus pela cidade, da pesquisadora-cartógrafa dentro do ônibus (em ônibus) e do pensamento cartográfico que colhia os dados conforme ocorriam os afectos/atravessamentos cotidianos (narrativas urbanas).

Algo que as vezes fica ainda nebuloso, e tudo bem, talvez essa seja a intensão desta pesquisa é quando se dão os limites (as bordas) entre esses corpos que compõe a pesquisa sobre a cidade. Pode-se dizer que apesar do instinto do *onde começa e onde termina*, de compreender o *todo*, visualizar todas as partes do projeto (corte-planta baixa-fachadas-detalhamentos), tal cartografia urbana não habita este lugar de entender os limites ou mapear as bordas. Mas dedica-se a rastrear os pontos de atravessamentos entre a práxias na arquitetura-urbanismo, a teoria feminista e a experiência cotidiana de quem vivencia-utiliza o transporte público coletivo (especificamente do ônibus,

7 “Cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventa-se-a” (LISPECTOR, 2017, p.52).

entendendo com isso inclusive a parada de ônibus – o ponto - como um dos momentos desse lugar renomeado *como o estar em ônibus*). A evidente relação entre o método adotado pela pesquisa e os estudos sobre urbanismo feminista<sup>8</sup>, pesquisa corporificada, ensino de arquitetura e urbanismo, filosofia da diferença – entre outras potentes matérias do campo do *fazer ciência* coexistiram de modo não-herárquico com o movimento de pesquisa. Para isso, não só no momento de *redação da revisão teórica da dissertação*, mas realmente do (in)pulso as pistas e rastros – até depois disso e ainda até hoje, por quê não? de modo desconhecido pela autora - só foram possíveis graças a *outras vozes*. Tais referências foram apresentadas pela autora logo na *revisão teórica* também me imagens, sendo assim, uma prática feminista em ato. Além de referenciar durante todo o texto dissertativo prioritariamente a produção de mulher, mulher latino americanas, mulheres não brancas – estas foram identificadas por seus *primeiros nome* – subvertendo as recomendações científicas de *citar apenas os sobrenomes*. Sob justificativa a identificar a relevância das perspectivas de gênero ao fazer e desenvolver o pensamento científico. Para potencializar tal prática durante a escrita acadêmica a autoria fez uso de imagens para que houvesse uma visualização *corporificada* das vozes que ali conversavam constantemente com a perspectiva argumentativa (figura 3).

### Capítulo 1 | direto ao que interessa, conversa sobre o como? da pesquisa

Seguindo o ritmo de conversa em prosa – como quem conta uma fofoca ao pé do ouvido, sabendo que mesmo antes da próxima lua todes estarão dizendo sobre – naquele telefone sem fio, do *quem conta um conto aumenta um ponto*. Chegamos ao como a cartografia feminista em narrativas urbanas se fez. Para isso, vamos passar essa escrita para a primeira pessoa, para aproximar tu que “me lê” a esse corpo que aqui escreve<sup>9</sup> e rememora o tempo de cartografia em dissertação.

Ufa, agora sim, coisa boa me desatar daquelas formalidades acadêmicas de texto em *linguagem culta científica*, que deve *ser isso ou aquilo* e escrever sendo eu – não aquele eu da psicologia. E sim uma primeira voz mais próxima de Clarisse (a Lispector) ou de Pessoa (o Fernando), que me incentivaram à escrita em narrativa poética durante toda aquela cartografia em ônibus, quando me encontrei com tais palavras: “Porque há o direito ao grito. Então eu grito” (LISPECTOR, 2017, p.49) e “Se escrevo o que sinto é porque assim diminuo a febre de sentir” (PESSOA, 2018, p. 22).

As borbulhas na minha mente durante toda a minha graduação eram tantas e tamanhas e diverssas que o corpo teórico e prático das ementas da escola de arquitetura-urbanismo não davam conta de suportar – aqui bem como suporte técnico, aquilo que dá apoio, se faz como uma rede de segurança para as piruetas do artista de circo e-ou o suporte que nos serve como uma cama elástica, um trampolim. Que nos impulsiona pra além do que o alcance do nosso próprio corpo em novos ares. Com a ânsia de estudar e aprender sobre o que via no mundo me matriculei em todas as disciplinas sobre feminismo e-ou gênero que haviam na minha universidade durante aquele tempo. Aulas foram cursas em disciplinas da antropologia, filosofia, ciências sociais, história, entre outras - inclusive em programas de pós graduação que gentilmente aceitavam estudantes graduandes de outros cursos. Não sei se preciso dizer, mas aqui vai, não havia nem interesse em discutir sobre feminismo na escola em que me fiz arquiteta-urbanismo, o que não se era de surpreender, foi o meu trabalho

8 Para mais sobre o conceito e práxis, ver “Urbanismo Feminista” (COL LECTIU PUNT 6, 2019).

9 “Transgredir, porém, os meus próprios limites, me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer ‘realidade’” (LISPECTOR in SANTOS, 2020, p.17).



Figura 3 - Mosaicos “movimentar o pensamento” e “agora é que são elas”. Fonte: da autora, 2020. p.31-32.

de graduação e a dissertação que aqui conto sobre o método adotado, as primeiras defesas autoproclamadas feministas cada qual em *seu grado*, numa escola com mais de 40 anos. Mas hoje, não quero dizer sobre isso, apenas contextualizar o como o feminismo estava entranhando no meu devir enquanto arquiteta-urbanista muito antes da minha diplomação – muito devido aos diversos e incansáveis estudos em grupos e frentes de movimentos estudantis e sociais acerca da temática feminista (os muitos e tantos e diversos feminismo, é.. pois é, existe mais de um, procure saber. Mas fica o alerta, podes finalizar a pesquisa com a ciência de já seres feminista sem nem saber – foi o que ocorreu comigo).

Tá, chega de *fatalório* nostálgico, o que isso interessa a dissertação? Foi durante o último semestre da faculdade que me mudei – isso, de casa mesmo, no caso de apartamento. Meu trajeto casa-faculdade-estágio não era mais todo realizado apenas no território central e já por mim há anos decorado. A partir de então o trajeto seria feito não mais a pé, mas por transporte público coletivo, visto que a distância que eu iria percorrer pela geografia da cidade seria maior que o meu corpo transeunte poderia suportar em tempo hábil. Meu cotidiano se transformou radicalmente ao vivenciar a realidade que coexiste entre muitas universitárias brasileiras, frequentar o transporte público coletivo no trajeto sociogeográfico de centro-periferia<sup>10</sup>. E foi ali, naquele momento de novos processos de trânsito pela cidade que algumas descobertas foram encontradas. A principal delas – a que fez a pesquisa de mestrado se tornar uma cartografia sobre aquele “estar em ônibus”, aconteceu pois era durante o tempo-lugar que eu experienciava cotidianamente sentada ou em pé naquele veículo coletivo que

10 “O termo *centro-periferia* vem aqui para dizer sobre o território geográfico percorrido pelo ônibus no tecido da cidade, e não, como um entendimento dicotômico e hierárquico sobre cultura e sociedade. Pelo contrário, a noção de que o modelo de cidade seria o centro e este desejado pela periferia já está em questionamento por urbanistas da contemporaneidade. Pois a periferia em si produz subjetividades, coletividades e cultura próprias, sem necessidade de apoiar-se no centro das cidades. Pois, há muita centralidade na periferia, centralidade de cultura, de significados e etc” (ROLNIK, 2020 in SANTOS, 2020, p.22).

Figura 4 - Montagem a cerca do instante da Eureka! Fonte: da autora, 2020. p.86. Figura 5 - Ilustração a cerca do encontro com o campo de pesquisa. Fonte: da autora, 2020. p.99.



eu passei a encher-gar-ouvir sobre toda aquela teoria que eu exaustivamente devorei durante os últimos anos mergulhada em estudos feministas e de gênero. Ali eu via não em leitura – mas a olhos nus, em corpografia aquelas processos de subjetivação que coexistiam com o cotidiano daquelas pessoas (majoritariamente mulheres negras) enquanto transitávamos em território geográfico urbano.

A eureka! da pesquisa – o momento em que eu decidi que seria o “estar em ônibus” o meu lugar-o campo onde se daria a colheita dos dados, foi quando eu escutei uma conversa<sup>11</sup> entre duas mulheres. Quando uma disse para outra em tom de desabafo e um semi-entusiasmo, a surpresa que era rever a conhecida, pois era somente assim para elas se encontrarem “ou era no ônibus ou em enterro” (figura 5). Aquela conversa ressoou em mim de um modo totalmente diferentes, naquele momento todas as ressonâncias e alertas de *aqui tem bossa* se fizeram no meu corpo (SANTOS, 2020). O encontro entre cartógrafa e campo acontecia. Que lugar era esse, que as pessoas experienciam cotidianamente, “e se pecham” de modo a compararem com um encontro durante um enterro? Ela não havia comparado o reencontro com um momento de nascimento, aniversário, festa, supermercado, mas sim com um enterro. A imagem, a luz, o ambiente – aquele lugar cenário e palco de tal conversa até hoje é vivo em mim. Meu corpo ótico fotografou aquela luz amarela que se mesclava com as cores do tecido dos bancos do ônibus e *da cidade lá fora e aqui dentro*.

Porém, as coisas não se deram assim de modo *tão nítido* durante algum tempo – o processo era ainda nebuloso, o que não significa que não havia consciência e responsabilidade sobre o que estava sendo cartografado. Talvez, por estar ainda em modo nebuloso e rizomático que o pensamento de pesquisa tenha se entranhado ao meu corpo cartógrafa, ao corpo ônibus, ao corpo da teoria feminista e àqueles outros corpos que faziam parte daquele lugar autônomo e vivo que era o veículo público que transitava pelo tecido urbano.

11 Lançar o corpo no espaço da conversação, como nos diz bell hooks: “Conversa sempre envolve doação. A conversa genuína é compartilhamento de poder e conhecimento; é uma iniciativa de cooperação” (hooks, 2020, p.83). E assim, o que aqui se apresenta em ensaio, um lançamento do corpo psíquico e intelectual na práxis enquanto professora em sala de arquitetura e urbanismo (HOOKS, 2020, p.83).

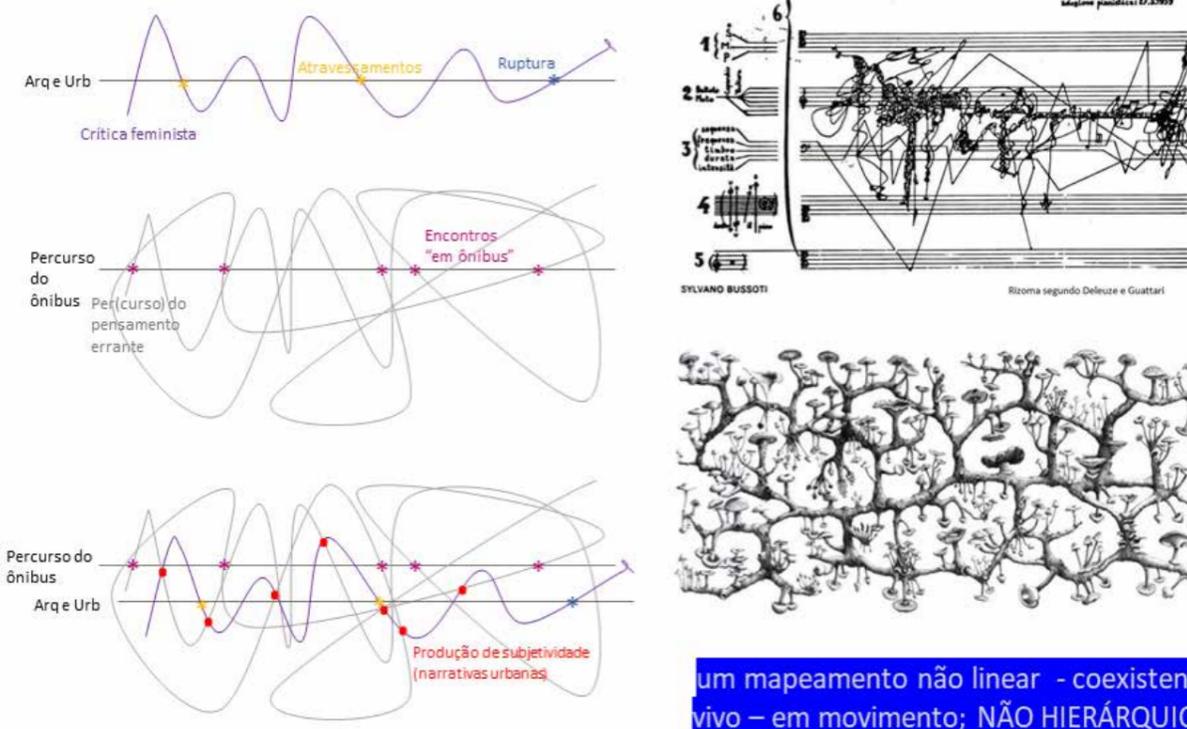


Figura 6 - Aproximação para dizer sobre o pensamento rizomático da pesquisa cartográfica. A esquerda os esquemas autorais rizomáticos (2018-20) para ilustrar o como se deu o seu movimento do pensamento cartográfico. E à direita o rizoma segundo Deleuze e Guattari em Mil Platôs 1, 2017. Fonte: Da

Durante o mestrado, é obrigatório aos bolsistas e recomendado a todos, que os pesquisadores comuniquem seus trabalhos, indiferente do momento (etapa) de pesquisa. Conjuntamente a esses eventos e debates as pesquisas vão amadurecendo, no caso aqui relatado muito foi graças aos questionamentos que foram me feitos que eu consegui dosar o quanto a argumentação adotada estava sendo didática o suficiente para que as pessoas compreendessem o que estava sendo feito e e certo modo defendido. De um desses momentos de comunicação para a comunidade acadêmica da arquitetura-urbanismo que eu precisei desenhar como é que eu estava pensando cientificamente durante a minha experiência em ônibus. Porque parece óbvio, mas não é – as pessoas pensam e veem as coisas de modos diferentes, cada pessoa tem a sua bagagem o seu óculos que colocam as coisas em perspectivas e compreensões diversas. Com isso, surgiram os esquemas que ilustram a eureka!, a cartografia, a argumentação – a lógica de pesquisa que eu havia elaborado para aquela experiência cartográfica feminista em ônibus - que ousadamente interseccionava os campos da arquitetura-urbanismo, filosofia da diferença e teoria feminista (figura 6).

Agora, depois de anos da defesa, com o corpo do pensamento mais maturado sobre o que foi realizado durante aqueles dois anos, a relação entre os esquemas que na anseia de comunicar o como eu estava pensando (cartografando) e o conceito de rizoma é ridiculamente óbvio. Aqui se me permite, gostaria de dar uma risada (hahahahaha), quando esta que aqui lhes conta se reencontra com aquela do antes, e remomera a anseia literamente experienciada em corpo de professora – que se angustia e empolga com o extase de demonstrar a quem lhe ouve-vê-escuta um conteúdo-conceito-conhecimento. Es verdadeiros professores que aqui me leem, tu mesma, deve estar ai entendendo em corpo o que eu estou dizendo, não é mesmo?

Quando hoje me perguntam a respeito da pesquisa de mestrado – ou quando estou refletindo academicamente sobre tal cartografia, quase sempre são esses esquemas que me parecem ter sido “a maior” contribuição para a epistemologia que correlaciona as três áreas citadas. Pois desconfio – e algumas outras colegas que conhecem a dissertação também, que foi nesse momento de anseia em comunicar que se deu a *inovação* científica – ou seja, o ato criativo. Eu gosto de usar a palavra inovação também para processos e *resultados* no campo das ciências sociais, humanas e ciências sociais aplicada que o caso da arquitetura e urbanismo. Inovar não me parece apropriado dizer-se apenas para as contribuições realizadas dentro do campo

da tecnologia, por exemplo. Mas não quero ir por aí, ao menos não com essa prosa, talvez numa próxima.

O ato criativo<sup>12</sup> que se deu, portanto, ao colocar a movimentação do pensamento em imagem. O que desconfo tenha obtido sucesso, graças a familiaridade e lugar de compreensão que há naqueles que frequentam o habitat da linguagem da arquitetura e urbanismo. Nós falamos por imagens, representações, discursos em ilustração. Tais esquemas representativos e seu contexto metodológico – estão descritos de modo formal em letras científicas a partir do capítulo “O corpo que se desloca possibilitando encontros e ativando o pensamento urbano errante” (SANTOS, 2020, p.49), na ocasião os esquemas rizomático estão nomeados como gráficos, o que hoje, me parece não ser a palavra mais apropriada para estas imagens, me parece que chamar esses esquemas de representações e-ou imagéticas as denominações mais apropriadas à lógica da pesquisa. Porém, essa releitura e revisão só é possível pois houve amadurecimento científico-teórico – ainda em jovem crescimento – desta que aqui lhes escreve.

Ok, já lhe contei sobre os esquemas rizomático que representam o modo como o pensamento cartográfico aconteceu durante aqueles anos, podemos entrar de fato nas narrativas urbanas – que nada mais foi do que o modo que transbordava do meu corpo durante a experiência em ônibus. Ou seja, a minha produção de subjetividade coexistia em movimento, antes-durante-depois (e ainda hoje) com aqueles outros corpos.

Eu, pessoas, ônibus, cidade pela janela, conversas cruzadas, palavras roubadas, fofocas corporificadas. Havia em mim uma necessidade vital em colocar pra fora do meu corpo as conversas que eram encontradas durante o cotidiano *em ônibus*, o ponto aqui é realmente o do transborde. Transborde do que me era afectado naqueles lugares em movimento (figura 08 e 09). Talvez se tu também te comunicas pela escrita-palavra debes estar compreendendo em corpo o que quero aqui contar. Caso não sejas de ti, o verbo em escrita, vou tentar descrever o pouco que se dá em mim.

As narrativas urbanas surgiram, deste modo, como o encontro perfeito entre a ânsia de literalmente *tirar de mim* aquilo tudo e tanto que fica ressonante no meu corpo físico e da mente de modo a quase me paralisar. Eu precisava tirar aquilo que ficava como uma outra voz perambulando em mim. Até então eu não me reconhecia como escritora, mas eu só tinha que tirar aquilo de mim, para poder dar espaço a *escrita acadêmica*, afinal de contas a qualificação precisava ser feita e eu tinha que escrever sobre o andamento da pesquisa.

Me lembro como hoje, quando eu mostrei pela primeira vez, durante uma das orientações zelosas e cientificamente rigorosas em que houveram com o meu mestre-catavento, em que escutei dele: “- Fulana, é que tu és uma escritora! Esses são os teus mapas, eis os teus dados de pesquisa”. Aquele reconhecimento, possível graças a acolhida há processos de pesquisa corporificados, emergentes e ansiosos – foi fundamental para que houvesse o estalar e a autorização para a escrita narrativa tomar a sua voz na pesquisa. A autorização a qual me refiro diz muito mais sobre um aval da minha

<sup>12</sup>A ideia de *ato poético* aqui conversa com o olhar crítico de Reys (2022), quando ele nos chama atenção para diferentes interpretações a respeito deste momento de projeto – bastante latente em orientações de projeto. O professor de tal disciplina nos conta que o ato poético se aproxima tanto do “ato criativo”, teorizado por Deleuze, quanto pelo “ato de resistência” defendido por Agamben (*in* REYS, 2022). Assim nos aproximamos, em objetivo, de cartografia com a experiência com o ato poético de aprendizagem em projeto, uma vez que este é a própria criação e potência- tornando compreensível os objetos de desejos ali intencionados. O ato poético, portanto, corrobora à pedagogia do compromisso defendida pelo educador brasileiro Paulo Freire (2018) que destaca a relevância de nós professores/as nos refazermos enquanto sujeito profissionais e também no campo pessoal-político ao compartilharmos a sala de aula com os estudantes.

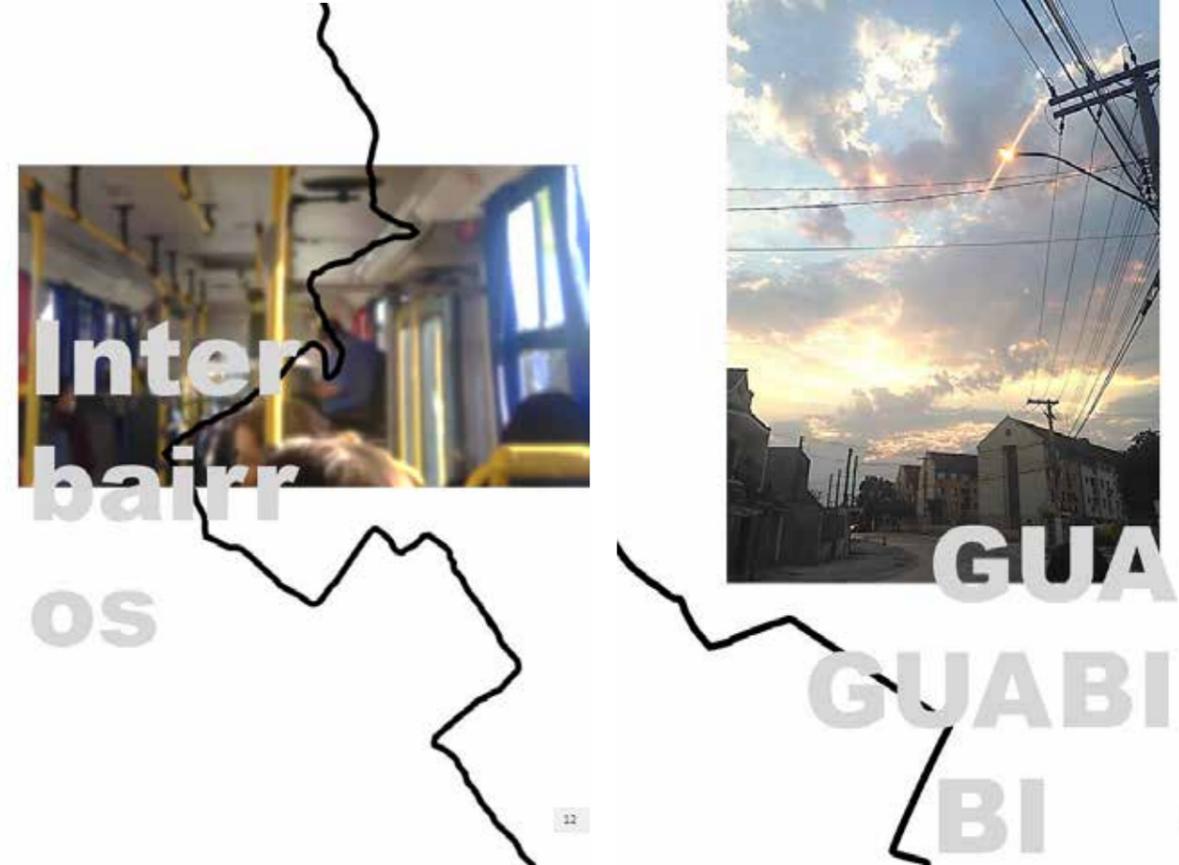


Figura 7 - Collage “Interbairros”. Fonte: da autora, 2019. p.79. Figura 8 - Collage “Guabiriba”. Fonte: da autora, 2020. p.81

psique ao meu corpo-voz de escritora – que depois vim a descobrir é uma expoente e visceral aptidão desenvolvida por mim desse pequena. O que vem ao caso nesse parágrafo é te dizer sobre a importância e relevância – e ainda privilégio – que há em compor o escopo de cientistas que fazem uma práxis acadêmica verdadeiramente interessa em desenvolver e emergir novas e outras epistemologias. Algo fundamental ao que diz respeito há um sociedade em urge a decolonização do pensamento humano, social, psíquico e científico – como é o caso da realidade brasileira ainda tão imersa em conservadorismos, preconceitos e estruturas educacionais que corroboram a desumanização das nossas escolas e epistemologias que deveriam por essência rumar ao novo ao diferente e não ao retrógrado e inerte.

Ao decidir que colheria os dados em campo através das narrativas urbanas e essas seriam os meus mapas, para posterior agenciamento destes e das teorias revisadas, fui ao encontro do como narrar em urbanismo. A primeira parada empírica houve com a professora-pesquisadora Paola Jacques que faz uso dos conceitos de experiência e errância em narrar a cidade: “O vínculo entre experiência e errância, portanto, é extremamente forte” (JACQUES *in* SANTOS, 2020, p. 49). Quando houve a *mistura autoral* entre a experiência da narrativa urbana errante teorizada pela urbanista com a relevância em exercitar o cotidiano como um modo de dizer sobre as realidades urbanas de modo crítico e filosófico, com autores como Deleuze (2011), Orlandi (2014) e Careri (2019):

O corpo-pesquisadora que através da sua vivência cotidiana urbana anterior havia experienciado apenas o centro e porto da cidade de Pelotas. Foi durante as vindas-e-idas por outros lugares urbanos, como passageira de um outro ônibus, diferente do que já conhecia, que ela ganhou espaço na cidade. Ao ganhar espaço, alguns lugares que antes lhe eram estranhos e até hostis, foram lhe provocando uma nova experiência urbana. Agora, o que antes lhe parecia estranho, lhe acolhia como passageira. O ônibus se tornava um lugar disparador de problemáticas urbanas e feministas, num movimento de zig-zag entre

## A mapa

Naquele dia o Guabi estava meio amarelo, tom pastel, opaco. Era fim de um dia abafado, início de noite úmida, parecia que estávamos numa redoma, que não pisávamos o asfalto. Eu estava num banco alto, à esquerda do motorista, após a porta traseira, olhava distraída a cidade que se mesclava com o meu cansaço. Uma senhora branca, entre a meia idade e pouco mais além, passa a roleta e se aproxima de uma conhecida. Agora ela estava quase ao alcance dos meus pensamentos, mas não a tinha visto, até que meus olhos amarelados da rua a escutam dizer: “Ôôô... fulana, pra gente se pechar ou é no ônibus ou num enterro...”. Meu sorriso explodiu à boca passando pelos meus braços, chegando até a ponta dos meus dedos que automaticamente procuraram qualquer coisa no alcance para registrar aquele afecto. Era Isso! É isso! O ônibus definitivamente era um lugar potente de encontros. Encontros de conhecidos, de próximos, de distantes, de estranhos, de sorrisos, enterros, cidade, cores e temperatura. O ônibus era para aquelas mulheres um choque de corpos social em meio ao caos da vida e da morte. E para mim, seria o lugar da minha experiência como cartógrafa-feminista-arquiteta e urbanista. Eureka!



## C mapa

Naquele noite foi a primeira aventura com a lua, eram 21 horas de um início de inverno, quando a arquiteta-feminista andava pela primeira vez naquele trajeto-volta do Interbairros. O bairro centro ia sumindo, o que lhe era conhecido passou a deixar de ser. Seus olhos e a paisagem da rua foram se misturando à luz branca forte, interna daquela arquitetura móvel. Era tão branca que quase azulava o fundo de seus olhos. O anseio de conhecer mais, de aventurar-se pela cidade nova à noite coexistia no mesmo corpo que tinha medo do que poderia acontecer caso ela tivesse pego o sentido de volta errado daquele ônibus. Aos poucos, dia após dia, o corpo-feminista foi sentindo-se acolhido e pertencente àquele lugar-ônibus. Algumas pessoas já eram familiares – seus rostos eram compartimentos também. Há uma dança – uma ginga – na arquitetura do ônibus. Há um ritmo no uso daquele lugar, que é direcionado – e às vezes – imposto pelo motorista. Há uma “ordem” vigiada pelo olhar-corpo-sentado do cobrador. São lugares-corpos que se movimentam e coexistem numa espécie de organismo que fica entre uma estrutura e o caos. Eles formam a arquitetura do ônibus, mas ao mesmo tempo, resistem a ela quase como uma pequena raiz-caule verde, agarrada numa platibanda de casa colonial. Esses corpos que gingham no ritmo do instante do ônibus fazem parte da paisagem-ônibus. O motorista e cobrador, a maioria sempre homens, compõe a arquitetura do ônibus, com os canos verticais e horizontais amarelo forte e o tecido azul estampado.



## H mapa

Estávamos na parada, sentadas naqueles bancos metálicos, gelados e duros – à espera do ônibus. Quando de repente uma senhora se aproxima, suas mãos carregadas com sacolas plásticas, aquelas típicas de supermercado. Ela se senta ao nosso lado e desabafa sobre ter passado da parada que queria, havia caminhado mais do que o necessário, estava em outra parada da Rua Osório. Conversando ela nos conta, que andava muito esquecida, no dia anterior havia esquecido suas sacolas da feira no mercadinho – ela aponta uma fruteira em direção à Rua Tiradentes. A senhora espontânea e simpática em um breve momento fecha o rosto como quem resolve um dilema importante e nos diz, que foi somente quando chegou em casa cansada e ansiosa para fazer o seu querido arroz com pêssego, que se deu por conta que havia esquecido os pêssegos em algum lugar. **Que frustração. Eles não estavam nas sacolas sob a mesa da cozinha.** – As alfaces! Certamente estavam junto com os pêssegos, e agora, onde estariam a sacola das alfaces? Tudo bem, dormiu frustrada, cheia de vontade de comer seu delicioso arroz com pêssego. Na manhã seguinte – no dia em que nos encontramos na parada do ônibus, ela teria voltado à cada estabelecimento do dia anterior, agora, em busca das suas alfaces e pêssegos. E, viva! Agora, agarrada em novas sacolas, numa recheada de pêssegos e com folhas de alface aparentes, nos contava da sua saga, mostrando a sua curiosidade, sobre como andava esquecida. Logo o nosso ônibus chegou, mas não sem antes ela ter nos contado os segredos sobre como fazer o melhor arroz de pêssegos de todos os tempos, os truques da sua receita familiar: - Precisa dourar bastante o açúcar antes de colocar o arroz, e depois, acrescenta os pêssegos. Dai sim, ele fica bem caramelizado e pra comer no calor, que maravilha, bem gelado! Saimos nós e ela, naquela noite no início de verão, loucas por um arroz de pêssego.



susto e simpatia, os atravessamentos atingiam seu corpo, tanto físico quanto filosófico. Para essa descoberta de lugar potente em redes complexas de heterogêneos que é própria da arquitetura-ônibus, se fez iniciou a pesquisa deste lugar-espço que é o ônibus e a defesa de como através dele pode ser encontradas muitas pistas sobre a apreensão da cidade pelo olhar corpóreo de mulheres (SANTOS, 2020, p.51).

O olhar filosófico e errante dava suporte para a discussão crítica sobre a experiência na cidade, contudo, ao narrar a vivência urbana na escala 1:1 o corpo alcança um estado de produção de subjetividade que não poderia ser ignorado por mim. Com isso, mapear a produção de subjetividade tornou-se fundamental para o procedimento cartográfico, que se transfigurou em narrativa urbana:

Estado este de “olhar” com o corpo é aqui chamado como uma pesquisa da experiência, um forçar e investigar sobre o pensamento em ônibus num caminhar errante. Uma experiência errante. Aqui os conceitos de experiência descritos por Orlandi (2014) se coexistem com os da errantologia urbana da brasileira Paola Jacques (2007)

quando afirma que a produção de subjetividade e movimentação do pensamento que acontece com a experiência urbana errante, vibra num movimento constante que não respeita o tempo cronológico, mas um tempo corpóreo e subjetivo. As potências dos encontros de experienciar o aqui e o agora de Orlandi, ganham força e movimento ao coabitar a defesa sobre uma experiência urbana – na materialidade da cidade de Jacques. Pois, a errância urbana de Jacques é um ativo entre corpo pesquisador que andarilha pela cidade, uma errância material, que resulta num mapa errante que transcreve à cidade de diferentes formas (SANTOS, 2020, p.51-52).

E assim (em suma), os mapas escritos – a tais páginas azuis do *corpo final* da dissertação foram transfigurados em oito narrativas urbanas. Para não deixar *no eco sem gravidade*, vou te mostrar aqui duas dessas tais escritas narrativas em papel azul (figuras 9, 10 e 11) e sugiro fortemente que as busque na íntegra, em meio, da escrita linear digital que habita o tempo-espço da internet (link para as páginas). Cá pra nós, é uma das partes mais legais da pesquisa, costume recomendar – às vezes, que as pessoas conheçam principalmente as páginas azuis – que ali tá o *arroz de pêssego* da produção científica realizada durante aqueles dois anos.

## Capítulo 2 | o agenciamento das narrativas urbanas

Após a colheita de dados (escrita das narrativas, são elas oito nomeadas de A a H) a cartografia feminista tomou o espaço-tempo do agenciamento, quando as “análises da pesquisa” aconteceram no entre fragmentas das narrativas e o diálogo com as teorias já citadas. Assim, correlações foram rastreadas pela autora durante a argumentação e agenciamento das matérias cartografadas:

O ônibus se apresenta nas narrativas como um processo urbano potente aos urbanistas atentos à contemporaneidade. Um lugar de fácil acesso para que muitos estudantes da universidade ou qualquer pessoa em privilégio social, rompam com seus ritmos cotidianos e questionem sobre sua realidade e a experiência dos muitos outros urbanos que coexistem na cidade contemporânea (SANTOS, 2021, p.118).

Algumas pistas foram encontradas a respeito do experienciar o *estar em ônibus* e apráxis em arquitetura e urbanismo, quando a autora se propoe a “abraçar a mudança” inspirada em bell hooks (2017) juntamente com a narrativa de “outros”, do “outro urbano” de Jacques (2012):

Pensando agora sobre o processo de aprendizado em ônibus enquanto pesquisadora que narra experiência urbanas. O estar em ônibus possibilita uma experiência de apreender sobre a cidade de maneira incomum à da sala de aula. Despertando um estar na cidade como sujeito de si, com consciência de pertencimento àquele lugar e, portanto, com direito a refletir e opinar sobre um lugar que também é seu. Aquela que pesquisa a cidade, com uma prática em ônibus atento, pode vir a produzir subjetividade sobre a coletividade do seu entorno, seja ele próximo ou não (SANTOS, 2020, p.119).

Durante as páginas a respeito do agenciamento a autora faz um tipo de “costura” entre os fragmentos selecionados das narrativas urbanas autorais. Abarcando teóricas do feminismo negro brasileiro como Djamila Ribeiro (2017) para dizer sobre lugar de fala e devir e compromissos decoloniais a respeito das lutas sociais em prol dos direitos humanos da negritude latino-americana, a educadora norte-americana bell hooks (2017) para dizer sobre o devir e ética do ensinar em comunidade – com processos de produção de subjetividade entre estudantes-professores e a responsabilidade social que há em fazer com e sobre a coletividade urbana. Entre outros debates, foi possível pelos fragmentos narrativos, mapear encontros com o debate de arquitetas-urbanistas como Paola Jacques (2012) que corrobora para o campo em defesa da experiência urbana em narrativa como um processo de apreensão urbana.

Contudo, é no capítulo a respeito das “pistas e traços de um fazer pesquisa diferente” que, a autora explora concluindo com a argumentação em defesa de uma cartografia feminista a partir da experiência urbana com narrativas e atravessamentos da psique humana, quando destaca a relavância por exemplo, do estar com as mulheres para dizer sobre o segredo das cidades:

A experiência cartográfica feminista sobre o estar em ônibus apresentando se fez de um modo único. Como um agenciamento entre o ativo possível do tempo vivido e do espaço escrito. O dizer do agora se misturou com pistas de uma tentativa de re(fazer) a pesquisa acadêmica na área do urbanismo, trazendo assim, rastros de uma mistura ousada. Narrativas que nos dizem – berram – que uma outra

vivência de universidade, de chance de apreender urbanismo é possível, afinal de contas, para se saber do segredo das cidades é preciso estar com as mulheres!<sup>13</sup> (SANTOS, 2020, p.113).

A cartógrafa segue, concluindo ao dizer sobre a pesquisa feminista, poetizando com autoras conhecidas da literatura brasileira, sem deixar de dialogar com as suas próprias palavras encontradas durante o *estar em ônibus*, como em nomear o seu devir-cartógrafa *em ônibus* enquanto uma ladra, que ladra e morde:

Como uma ladra que rouba rasgos da poesia de Lispector, digo que a escrita desta dissertação não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo um transborde de vida primária que respira, transpira e inspira. Como num ritmo de onda que a cada vez que se desloca se transforma, se faz novo. Se reconecta num lugar e se (re)monta a cada instante (SANTOS, 2020, p.133).

E segue a escrita poética mesclando as nomeações autorais e dizer de poetas outrens, nesse caso em conversação hookiana (2020) com a poesia de Fernando Pessoa (2018):

Assim, vai se fazendo, a cartografia, o devir-urbanista-feminista, as narrativas, a escrita, àqueles corpos descritos e as subjetividades que dizem sobre o coletivo. Uma escrita de narrativa de corpos que diz sobre paisagens sentidas, é possível. Uma espécie de coletânea de palavras fotográficas – uma inclinação de ouvir com os olhos, os mesmos olhos que receberam aquela narrativa, é possível. Mesmo que para poder escrever o que os olhos escutaram, o corpo que agora escreve, precisa não mais ver da mesma forma (SANTOS, 2020, p.113-134).

Quando conclui a respeito da sua escrita dissertativa enquanto um processo de produção de subjetividade e a potência da narrativa como um procedimento para a apreensão urbana, a pesquisadora ressalta a coexistência do corpo que cartografa e o próprio corpo da dissertação, enquanto uma produção científica que é feita de modo subjetivo e portanto, que diz também sobre a coletividade. Retomando de modo sutil, as referências teóricas da filosofia da diferença (citadas em capítulo anterior do seu texto) que entem a subjetividade e coletividade como um, organismo em coexistência e movimento:

Escrevendo, portanto, mais do que uma invenção, um processo obrigatório de reflexão transfigurado em escrita-mapa. Que conta sobre várias mulheres que afetam a moça que aqui escreve com o corpo e que de tão tola, às vezes, sorri para os outros enquanto per(corre) a cidade em ônibus. Mas a escrita ladra há de ter que sair de uma escrita solitária, e torna-se muitas, múltiplas, em conjunto (SANTOS, 2020, p.134).

Ainda, Santos (2020) escreve sobre as transfigurações entre narrativa urbana enquanto procedimento de registro durante a colheita de dados e as ilustrações afetivas que foram cartografadas enquanto procedimentos e procesos metodológicos:

<sup>13</sup> “Mulheres! Estar com elas é como saber do segredo das cidades” (PASSOS in SANTOS, 2020, P.133).

Os registros que aqui foram mostrados, e transformados em mapa afectivo, não são mais os mesmos. O que foi ouvido pelos olhos passou a ser um fragmento de instantes, compostos em palavras que pretendem disparar afectos em quem à essa dissertação se permitir encontrar. Aqui algumas vezes a escrita foi quase prepotente. Numa tentativa visceral de dizer sobre um possível método de experiência urbana, permeada por um exercício de empatia social possível a todas que quiserem contribuir e fazer urbanismo, sejam elas dos lugares urbanos e corpóreos que forem. Elas podem, todas podem, nosotras podemos, dizer e fazer cidade. (SANTOS, 2020, p.134).

Com o trecho a cima, a pesquisadora faz relação entre o corpo enquanto espacialidades urbanas e o corpo que cartografa, chamando à empatia social e produção de subjetividade ao dizer sobre o seu *processo visceral de escrita*. O interessante é que logo após dizer de modo *tão cru* sobre o trabalho realizado a autora muda o tom argumentativo – agora dizendo em escrita acadêmica usual sobre os objetivos alcançados, como pode ser observado no trecho que segue:

Entre tanto, e muito, do que foi encontrado eis algumas pistas de uma cartografia urbana feminista, em ônibus, pelo centro-periferia em Pelotas/RS. A principal delas é que o ônibus potencializa, e pode aproximar, realidades distintas de vivência urbana sendo uma forte matéria de experiência metodológica de cruzamento entre teorias feministas e da arq-urb. Contudo, é possível pensar a cidade para e com mulheres periféricas, a partir dos afectos e perceptos encontrados durante os per(cursos) cartografados em ônibus. Relacionando os campos da teoria crítica feminista, da arquitetura e cidade para mulheres e da prática cartográfica urbana. Ou seja, estar em ônibus, disposta a um olhar feminista que percorre a cidade num caminhar errante, produzindo uma narrativa urbana é potente e provoca novas pistas de pesquisa e epistemologias urbanas contra hegemônicas (SANTOS, 2020, p.134-35).

Para Santos (2020) através do método desenvolvido e experienciado durante a pesquisa é possível contribuir com a epistemologia feminista acerca do pensamento urbanístico, ressaltando a relevância de pesquisar sobre apreensão urbana em territórios além do eixo Rio-São Paulo que concentrava a maior densidade de trabalhos em urbanismo feminista na época. Ainda sobre os objetivos da dissertação, um dos pontos comentados foi sobre o encontro entre narrativa errante e poesia, bem como a parcialidade alcançada em relação o exercício previamente proposto em desenvolver um texto em linguagem acessível e democrática.

A respeito de pesquisas acadêmicas e a prática adotada para essa dissertação pode-se apontar duas considerações importantes: que referenciar prioritariamente a produção intelectual e prática de mulheres, nas diferentes áreas já se apresenta como um desafio e fresta às práxis acadêmica. Assim como, exercitar uma linguagem simples de maneira didática, sem perder a qualidade da discussão acadêmica, se tornou parcialmente possível a partir da aproximação da narrativa urbana errante de Paola Jacques e da poesia da vida (SANTOS, 2020, p.135).

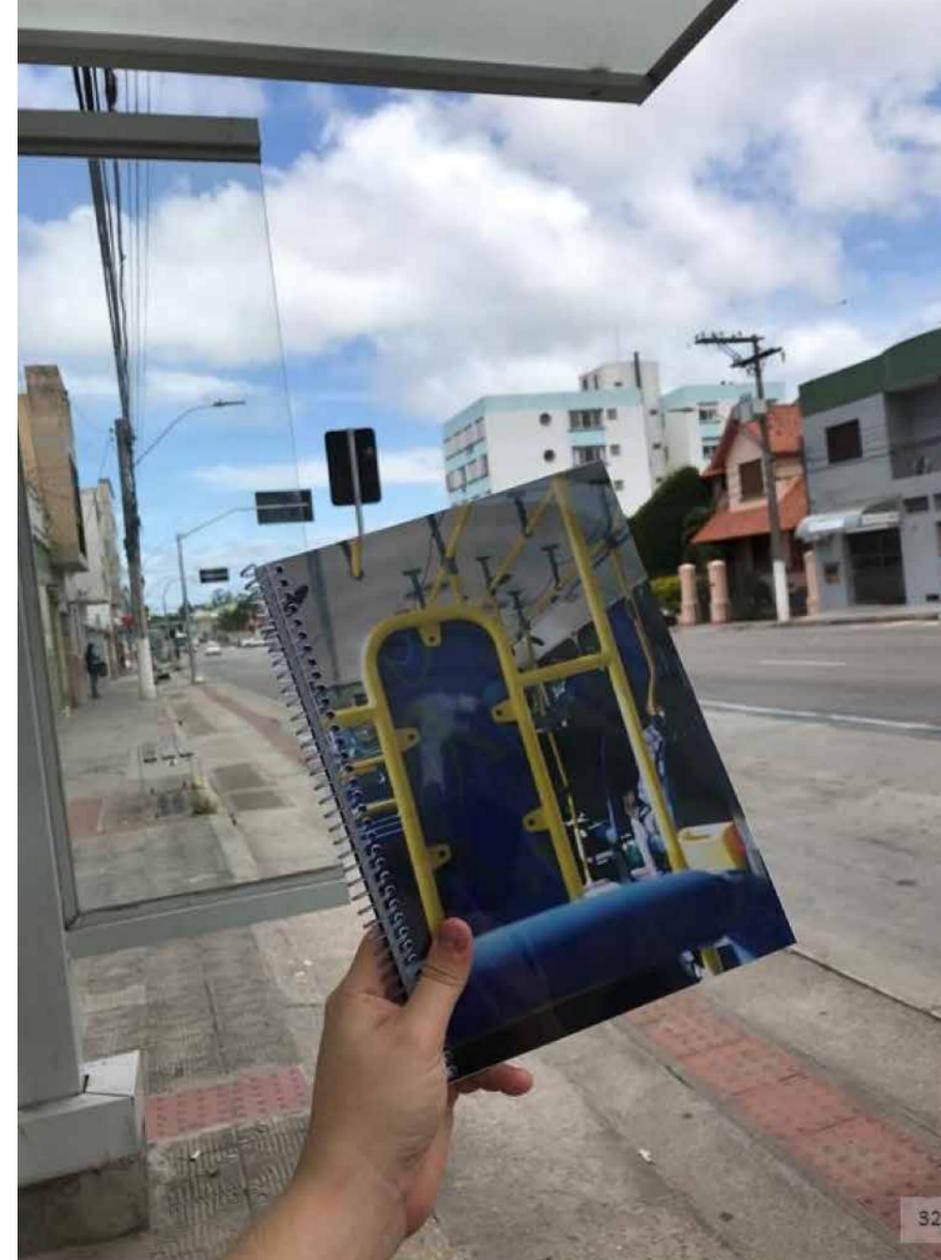


Figura 12 - "Em ônibus" na rua, 2019. Fonte: SANTOS, 2020, p.139.

Os rastros e pistas apresentados sobre a mobilidade urbana a partir do agenciamento produzido pelas narrativas urbanas sobre o estar em ônibus, estão embebidos em tom de escrita visceral crítica. A autora encerra com objetiva crítica sobre a temática, considerando o recorte de pesquisa:

A partir das análises podemos dizer diretamente algumas pistas sobre a mobilidade urbana em Pelotas. Entre elas que o ônibus é um lugar que mescla a dicotomia entre público-privado e provoca sobre o que é íntimo e coletivo. Também que são às mulheres trabalhadoras, especialmente às moradas de bairros periféricos que ainda dependem do transporte público coletivo – mesmo que este sendo deficitário, para seus deslocamentos diários, seja para suas atividades laborais ou de lazer. A mobilidade urbana vista com os olhos feminista nos diz muito sobre a realidade das mulheres de Pelotas, inclusive sobre como suas vivências são excluídas pelo planejamento urbano para pensar a infraestrutura dos transportes público coletivo e o fluxo de distribuição de horários e linhas de ônibus. A necessidade de incluir a experiência urbana das mulheres periféricas pelotenses, majoritariamente negras, urge e denuncia a

estrutura social elitista, branca, colonizadora e patriarcal que ainda rege o urbanismo formal pelotense – tanto em relação a disciplina urbanística universitária quando os projetos e planos urbanos que moram nas mesas e arquivos da gestão pública municipal. (SANTOS, 2020, p.135).

Por fim, retomo a voz em primeira pessoa, para dizer sobre essa prosa aqui em artigo, que intensionou uma conversa em escrita a respeito da narrativa em pesquisas de arquitetura e urbanismo. Apresentando um exercício de escrita científica, para esta que lhes escreve, ainda inédito – bom, agora não mais. Com esse ensaio, foi possível entender que a narrativa urbana pode se dar de dois modos, ao menos esses dois aqui apresentados em diferentes tons.

O primeiro quando descrevo em prosa – lhes conto, a cerca do como foi pensada e realizada a escrita narrativa urbana no contexto de procedimento cartográfico dentro de uma pesquisa acadêmica institucionalizada e seriamente avaliada por um corpo docente competente e sensível a novas aventuras urbanísticas. O segundo quando ousadamente me valho da proposta desta revista de acolher outras formas de dizer cientificamente – ou não, ou também – sobre aquilo que nos pulsa. O que a mim, ainda hoje e graças ao encontro com tal método de pesquisa, vivenciado exaustivamente, transborda em escrita poética. A escrita se faz no meu corpo como uma evazão. Às vezes essa outra voz que narra e dita o que aqui escrevo (digito freneticamente), essa voz minha fiel companheira de corpo a qual sou carinhosamente grata e dependente. Às vezes essas outras tantas vozes que conversam foram de mim, e que são roubadas-escutadas-transcritas devida a atenção flutuante de pesquisa, durante um cartografar em ônibus – uma (ori)entação de projeto, um dedidinho de prosa entre uma aula e outra pelos corredores das nossas escolas de arquitetura e urbanismo.

### Posfácio | o que fazer com essa prosa?

Dizem que o *ideal* para uma nova leitura científica é ao se encontrar o artigo (dissertação, tese e etc) seguir a ordem: título, resumo, introdução e conclusões. E se assim o conteúdo lhe interessar ou for contribuir para a tua discussão (sim essas coisas deveriam coexistir em trabalhos acadêmicos, o interesse e contribuição, mas nem sempre ocorre), daí tu dedicarás do tempo à leitura integral daquele texto. Para ti que segues essa recomendação e aqui estás ainda duvidoso e-ou receoso da seriedade e contribuição dessa pesquisa para o campo da arquitetura e urbanismo sugiro fortemente que refaças essa mesma *ordem sequenciada* de leitura na *versão final* da dissertação que teve aqui sua metodologia (método cartográfico) narrado (figura 13). Pois lá, vais encontrar um discurso em letra formal, mais habitual há escrita científica, onde estão todas as referências, e citações e movimentações do pensamento de pesquisa, devidamente descritos em etapas (mais usuais, mas ainda com insubordinações poéticas) do fazer uma dissertação.

Caso tu estejas aqui, neste posfácio, conforme a linearidade desse formato folha retrato (papel ou digital), me conta o que achaste de conhecer-experienciar outro modo de contar sobre um método de pesquisa emergente e poético? Ao meu ver (olha aqui a primeira pessoa em pulso, como o pulso de Titãs: “o pulso ainda pulsa”), a narrativa utilizada como corpo e tom de escrita para o texto acadêmico - de modo geral, ainda pode ser considerado como um ato de uma insubordinação. Calma, eu explico. As narrativas são utilizadas a bastante tempo como procedimento de metodologias em diversas áreas, por muitos autores-as, como nos campos da educação, psicologia, antropologia, urbanismo (como no caso das narrativas errantes estudadas por Paola Jacques) entre outras áreas que narram para pesquisar.

Contudo, no nosso caso, como uma práxis em arquitetura e urbanismo, pouco a narrativa é utilizada como linguagem argumentativa para dizer sobre a pesquisa-extensão-ensino em si. Poucas vezes encontrei textos em que a pesquisa tinha seu corpo textual narrado. Ou seja, ainda estamos narrando como um procedimento e não como comunicação. As nossas narrativas, sejam elas urbanas ou não, são compreendidas como uma instrumento de composição, uma ferramenta de produção, uma matéria de agenciamento – aqui brincando com o *palavriado científico* de diferentes metodologias usuais às práticas emergentes da nossa área da arquitetura-urbanismo.

Escrever um artigo inteiro, de ponta a ponta, de dedo a dedo – em corpo prosa, é o que me parece mais próximo de uma insubordinação, nesse contexto. Pra quem escrevemos nossas comunicações sobre a ciência que temos feito? Pra quem realmente usamos as diversas produções acadêmicas que exasutivamente doamos o nosso tempo-vida cotidianamente? Como comunicamos as nossas inovações e descobertas? O nosso discurso acadêmico chega a quem?

A própria dissertação que teve seu método cartográfico aqui contado em uma breve artigo-prosa, não alcançou um dos seus objetivos específicos a cerca do discurso-linguagem científica. Ao dizer-se uma pesquisa com cunho epistemológico feminista, uma das especificidades era produzir uma redação menos acadêmica em exercício para a democratização do conhecimento. Veja bem, a ética, o rigor e seriedade científicos devem sempre se manter indiferente da linguagem adotada, pois qualquer pesquisa deve sempre se a ter ao sua genese de “produzir conhecimento” (acho essas palavras tão curiosas, mas tá...). Contudo, a tecitura da pesquisa citada não alcançou a acessibilidade discursiva pretendida a uma epistemologia feminista. (Em pé de ouvido lhes conto: desconfio que devido ao recorte de análise a partir da filosofia da diferença. Mesmo assim, não me parece razoável a este recorte designar tal responsabilidade, talvez parcialmente).

Os vícios de leitura-escrita-fazer a comunicação sobre as produções acadêmicas ainda se constituem com força arranjada entre as universidades brasileiras. Por que? *Pra quê?* Ensaio, incentivo e defendo, portanto, que hajam novas e outras maneiras de comunicar o que realizamos com tanta potência e paixão em nossas pesquisas. Sim, é importante o *letramento acadêmico*, mas não como um instrumento a favor do academicismo, e sim como aprender um novo idioma – em curiosidade e conversa. Para que o conhecimento e o desenvolvimento da linguagem argumentativa científica esteja em constante revisão e ressonância com o porque ensinamos-aprendemos. O que para mim sempre será o *fazer com*.

Fazer com outres. Com o corpo. Com produção de subjetividade. Com potência criativa e responsabilidade social. Fazer da escrita acadêmica um ato de democratização do conhecimento acadêmico. Por que, não? O que nos impende? Do que me pertence, coloco como sugestão empírica o ensaio. Um ensaio que tenha espaço para o errar e aprender com o erro, sem o sofrimento psíquico á naturalizado no nosso ambiente universitário. Uma práxis que acolha o erro e saiba lidar com ele de modo didático, que *a dor por errar* vá além do que já é inerante a psique humana, ao se ver frente a frente a frustração corporificada. Vamos nos colocar em exercício. Exercitar diversos modos de pesquisa, escrita, narração, comunicação acadêmica.

O que fazer com isso? Me diga lá você, aumente quantos contos quiseres no que aqui está dito. Se te encontrares com outros pontos, te convido a fazer sinal ao motorista e descer novamente ao meio fio da ruas, em cidade e contemporaneidade corporificada.

## Referências | Outras vozes-tempos aqui proseadas

- CARERI, Francesco. Caminar como arte cívica. [s.l.]: *DeriveLab*, 2015. Online. Disponível em: [http://derivelab.org/caminar-como-arte-civica/?fbclid=IwAR1lr8g74HqIj5xAPsBoib5vQsR65kjo2TFMKTfiP9rZxSQk1Rk\\_40yG7Ql](http://derivelab.org/caminar-como-arte-civica/?fbclid=IwAR1lr8g74HqIj5xAPsBoib5vQsR65kjo2TFMKTfiP9rZxSQk1Rk_40yG7Ql) Acesso em: 06 nov. 2019
- COL LECTIU PUNT 6. *Urbanismo feminista. Por una transformación radical de los espacios de vida*. Barcelona: Virus Editora, 2019.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Vol1. 2. ed.* São Paulo: Editora 34, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Compromisso. América Latina e Popular. / Organização Ana Maria Araújo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade. 2. ed.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, Bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria na prática*. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes. 1. ed.* Salvador: EDUFBA, 2012.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela: edição com manuscritos e ensaios inéditos. 1. ed.* Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- ORLANDI, Luiz. Um gosto pelos encontros. *Site Territórios de filosofia*, 29 dez 2014. Online. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi/>. Acesso em: 10 jan.2020
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego*. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2018.
- REYES, Paulo. *Projeto não projeto: quando a política rasga a técnica*. Porto Alegre: Sulina, 2022.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Editora Letramento: Justificando, 2017.
- SANTOS, Shirley Lara Terra dos Santos. *Narrativas Urbanas sobre o estar “em ônibus”: experiência cartográfica feminista*. Pelotas, PROGRAU/UFPel, 2020. [dissertação de mestrado].
- SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e Literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018.